

Deus sente comigo

Ter a certeza de que alguém realmente me compreende e compartilha os meus sentimentos, constitui um momento raro porém muito agradável em minha vida. Ter a certeza de que uma esposa, marido, amigo ou qualquer membro de minha igreja na realidade sabe como é que estou me sentindo, ou que está mesmo disposto a tentar saber, é emocionante. Todo mundo quer ter amigos deste tipo.

Deus é assim, mas nós nos esquecemos disto com muita frequência, quando pensamos que ele se acha tão distante, e é tão espiritual, que nada — como a alegria ou a tristeza humana, a dor comum, as frustrações normais, as situações festivas ou engraçadas —, jamais poderia ser real para ele. Se assim pensamos, estamos incorrendo num grande engano.

Bem no começo do evangelho de João, Deus nos fala assim:

E o Verbo se fez carne e habitou entre nós (João 1.14).

Aqui, a palavra “carne” significa um ser humano considerado em sua fragilidade e mortalidade; significa ser capaz de todo sentimento humano, de toda alegria e tristeza, de toda limitação física e de toda confusão emocional que qualquer um de nós experimenta no seu dia-a-dia. Nessa sentença temos garantia da simples, porém profunda verdade, de que Deus se tornou um ser humano como nós e de que ele apreciou com prazer e suportou toda experiência humana, como acontece conosco, com exceção do pecado (Hebreus 4.15).

Somente quando aceitamos este fato é que realmente aceitamos a Encarnação. Oremos para que nos conscientizemos com sempre maior profundidade desta verdade, que pode enriquecer nossas vidas.

Nas Escrituras, reiteradamente, temos a garantia disto:

^[14] Tendo, pois, a Jesus, o Filho de Deus, como grande sumo sacerdote que penetrou os céus, conservemos firmes a nossa confissão. ^[15] Porque não temos sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; antes, foi ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado (Hebreus 4.14-15).

Faça pausa de uns instantes e ore para que a Palavra de Deus mergulhe em seu coração com todas as suas implicações encorajadoras.

O próprio Deus nos diz que Jesus era “em todas as coisas, [...] semelhante aos irmãos” (Hebreus 2.17). Nosso Redentor sentia limitação física, como todos nós às vezes sentimos:

[...] Nada comeu naqueles dias, ao fim dos quais teve fome (Lucas 4.2).

[...] Cansado da viagem, assentara-se Jesus junto à fonte [...] (João 4.6).

[...] Disse-lhe Jesus: Dá-me de beber (João 4.7).

E Jesus estava na popa, dormindo sobre o travesseiro [...] (Marcos 4.38).

Ele gostava de participar de festas, bem como da companhia dos seus amigos:

Então, lhe ofereceu Levi um grande banquete em sua casa [...] (Lucas 5.29).

Ora, amava Jesus a Marta, e a sua irmã, e a Lázaro (João 11.5).

Jesus possuía senso de humor. Mesmo quando ameaçado por Herodes que tencionava matá-lo:

Ele, porém, lhes respondeu: Ide dizer a essa raposa [...] (Lc 13.32).

Durante trinta anos ele fez as coisas muito comuns na vida. Quando voltou à sua aldeia nativa, só uma coisa podia ser lembrada a respeito dele:

Não é este o carpinteiro, filho de Maria, irmão de Tiago, José, Judas e Simão? E não vivem aqui entre nós suas irmãs? (Marcos 6.3).

Outros textos revelam que Jesus se entristecia, nem sempre era compreendido e sentia dor, como todos nós.

Quando ia chegando, vendo a cidade, chorou (Lc 19.41).

Então, lhes disse: A minha alma está profundamente triste até à morte; ficai aqui e vigiai comigo (Mateus 26.38).

E, quando os parentes de Jesus ouviram isto, saíram para o prender; porque diziam: Está fora de si (Marcos 3.21).

Então, uns cuspiram-lhe no rosto e lhe davam murros, e outros o esbofeteavam [...] (Mateus 26.67).

Mesmo sendo Deus, Jesus vivia pela fé, assim como nós. É por isso que Deus realmente compreende e pode compartilhar cada uma de nossas experiências. Porque ele próprio vivenciou essas experiências, sabe o que significa ter medo ou sentir-se frustrado, bem-humorado ou humilhado, amado ou abandonado, estar com fome ou sede, contente numa reunião ou triste quando abandonado por amigos.

Sentindo comigo mesmo

À primeira vista, parece pergunta imbecil dizer: “Será que eu me ouço mesmo?” Mas, é isso mesmo? Com efeito, é pergunta muito importante, porque realmente só ouvirei os outros, se e na medida em que eu me ouvir a mim mesmo, ao meu ego (pessoa) real. Ouvir a Deus, ouvir a mim mesmo e ouvir os outros são três situações que andam lado a lado, porque só tenho um coração. Nenhuma destas situações se antecipa às outras. Mas, perguntemo-nos primeiro: “Quem é meu ego real, quem eu sou realmente? Que parte de toda a minha complicada personalidade se acha intimamente ligada ao meu eu real? Qual é a parte mais real do meu eu real?” Examinemos a questão.

Meus pensamentos. Aquilo que eu *penso*. Os pensamentos são diferentes de mim no sentido de que eu posso mudá-los facilmente e muitas vezes penso pensamentos que não são realmente os meus próprios; são pensamentos de alguma outra pessoa, do que ouvi ou li. Por isso, *ouvir meus pensamentos não é necessariamente ouvir a mim mesmo lá no meu íntimo*.

Minhas palavras. Aquilo que eu *digo*. As minhas palavras são minhas ao invés de serem eu. Eu também posso mudá-las a fim de projetar uma imagem e, portanto, *ouvir minhas palavras nem sempre é ouvir meu eu real*.

Minhas ações. Aquilo que eu *faço*. Nem sempre o que eu faço revela, de fato, o meu eu real, pois eu posso fazer algo apenas para satisfazer as expectativas de outros ou por me ser imposto, por dever ou obrigação.

Meus sentimentos. Aquilo que eu *sinto*. Num modo muito real, os sentimentos que agora experimento são *eu agora*. Eu não posso facilmente controlar meus sentimentos. Sim, meus sentimentos, na maior parte do tempo, acham-se muito ligados ao meu eu real. Posso gostar deles ou não, mas eles são eu justamente agora. Se pretendo compreender e amar o eu real, devo ir aprendendo a identificar, reconhecer e aprender a lidar com meus sentimentos.

Meus valores. As coisas em que realmente *acredito* e que *mais quero* na vida. Meus valores constituem o eu mais real, são as coisas pelas quais me disponho a lutar, quem sabe até morrer por elas. O que realmente quero na vida é realmente o que *eu sou*; meus valores são meu duradouro caráter (personalidade), mesmo que meus sentimentos sejam meu *ego experienciado* em qualquer tempo.

Por conseguinte, para saber se me ouço ou me entendo, devo perguntar: **Sei por que eu faço o que estou fazendo na maior parte do tempo? Conheço as profundas razões que ditam meu estilo de vida e tudo o que faço? Ou: Tenho medo de examinar essas razões?**

Sentindo com os outros

Conforme temos visto, não é fácil ouvir a si próprio; a maioria de nós vive ouvindo menos do que nossos verdadeiros eus. Ouvir outra pessoa é até mais difícil. Mesmo estar *disposto* a ouvir outra pessoa já é grande passo e a maioria de nós já teve a experiência de realmente ter sido ouvida e compreendida pelo menos por outra pessoa, talvez por algumas ou por muitas em diferentes graus. Este primeiro passo para amar outros é profundo, difícil, porém de vital importância. Sem ele, o amor é superficial, porque não amamos a verdadeira pessoa, enquanto não sentirmos com a verdadeira (real) pessoa. Estamos amando, então, apenas uma pessoa imaginária — uma pessoa desconhecida: um caso de equivocada identidade. Procuremos a pessoa real no marido ou esposa, no colega de trabalho ou no membro da igreja.

Reflexão

Depois de compreender que Deus compartilha de nossos sentimentos e orar a respeito, complete cada uma das sentenças a seguir. Não escreva o que você acha que os outros poderiam esperar, mas sim, seus próprios pensamentos e sentimentos, da maneira mais verdadeira e espontânea possível.

1. Ao ler este estudo, meu primeiro pensamento foi...
2. Depois de orar a respeito da parte “Deus sente comigo”, pensei ... e tive a sensação de que ... porque ...
3. O que mais quero da vida é ...
4. Minhas ambições na vida são:
 - ...
 - ...
 - ...
5. Quando chegar a minha hora de morrer, acho que lamentarei, se ...
6. Quando ouço a palavra “igreja”, tenho a impressão de que ... e quando ouço a palavra “amor”, tenho a impressão de que ...; e, ao ouvir a palavra “casamento”, tenho a impressão de que ...

8. O texto das Escrituras, nestas páginas, que mais me impressionou foi ... porque...

Depois que tiver relido os textos das Escrituras neste estudo, escreva no verso desta página uma oração como efeito do que Deus lhe disse.

Para o líder

Este encontro tem como finalidade:

- Descobrir mais profundamente seus próprios valores e sentimentos.
- Descobrir e sentir como é que os outros sentem, e descobrir profundamente seus valores.

Consegue-se essa finalidade, fazendo *duas coisas*:

1. Compartilhando com os outros suas próprias respostas e ajudando-os a responder às suas perguntas.
2. Prestando atenção ao que os outros comunicam e fazendo-lhes perguntas. Isto ajudará você a compreender e a sentir com eles de maneira mais profunda. Estas perguntas os ajudarão, ao mesmo tempo, a esclarecer seus próprios valores e sentimentos.

A reunião

1. Cada pessoa lê em voz alta a oração que escreveu no verso da página ou faz uma oração espontânea.
2. Por sua vez, pede-se que cada pessoa leia em voz alta suas sentenças completadas, fazendo uma pausa depois de cada uma e convidando os outros a fazerem perguntas sobre o que ouviram. Estas perguntas demonstram interesse e preocupação recíprocas e revelam também a qualidade de escuta existente no grupo. Sem essas perguntas, a participação será superficial, não conseguirá aprofundar-se.
3. Depois que cada pessoa tiver completado a sua exposição, cada pessoa ora em favor daquele que estiver ao seu lado esquerdo.

Este estudo é uma adaptação do Rev. Misael Nascimento da obra de O'DONNEL, Desmond. *Como Criar Grupos de Vivência Fraternal*. São Paulo: Paulinas, 1979, p. 13-22.